

ENTRE A FORMAÇÃO NA ESCOLA E A FORMAÇÃO COMO ATLETA DE FUTEBOL PROFISSIONAL: PRIORIDADES E INFLUÊNCIAS

Between the Formation in the School and the Formation as Athlete of Professional Football: priorities and influences

Fabiano Bossle¹, Lucas Oliveira de Lima²

¹Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

²Aluno do Curso de Educação Física da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Resumo: Este estudo tem como principal objetivo verificar as representações que atletas de futebol de alto rendimento das categorias de base de dois clubes tradicionais de Porto Alegre fazem sobre escola e futebol. De maneira complementar, averiguar quais são as prioridades desses jovens no presente momento e quais as influências que sofrem para escolher (priorizar) a escola ou o futebol. Para tanto, foram feitas oito entrevistas com esses atletas sendo que a faixa etária é de 13 a 17 anos. As falas dos atletas nos revelaram, a princípio, que eles pensam a formação escolar como o que chamamos de um plano B e a formação como atleta de futebol como prioritária. A maior influência que sofrem para escolher dar maior dedicação, a escola ou ao futebol, é da família. As principais representações foram: a escola como um acessório a almejada carreira de futebolista profissional e o futebol como o sonho (o tudo).

Palavras-chave: Escola; Futebol; Profissionalização.

Abstract: This study has as its main objective verify what representations high performance football athletes from basic categories of two traditional clubs of Porto Alegre have on school and football. In a complementary manner, ascertain what are the priorities of these youngsters in the present moment and what influences they undergo in choosing (prioritizing) between school and football. For this purpose, eight interviews with these athletes, ranging from 13 to 17 years of age, were carried out. The accounts of the athletes showed initially that they think of school as what we call a plan B and football athlete training as a priority. The biggest influence they undergo whether to give greater dedication towards school or football comes from the family. The main representations were: school as an accessory towards the desired career as a professional footballer and football as the dream (everything).

Keywords: School; Football; Professionalization.

1 INTRODUÇÃO

“Peneirinha é reconhecida como a maior seleção de atletas do mundo” (ZH ESPORTES, 06/11/12). Resgatamos essa chamada da matéria para dimensionar as proporções deste fenômeno cultural que nos propusemos a estudar, a formação como atleta de futebol e a formação escolar. O futebol é um fenômeno cultural que, a partir da metade final do século XX, tem se consolidado como um mercado que gera lucros em grande escala. E, dessa forma, tais situações – ou fatos – como as(os) que foram apresentadas(os) na matéria de zero hora, nos mostram o espaço que esse esporte tomou em nossa sociedade e o quanto ele tem sido alvo de desejo de inúmeros jovens e crianças da sociedade brasileira que almejam fazer parte desse meio. Esse fato também revela a justificativa deste estudo, pois deixa explícito o interesse crescente de crianças e jovens brasileiros pela profissionalização nesse esporte.

Pensando nessas questões, e tendo como subsídio a minha própria vivência como atleta de futebol de alto rendimento buscamos compreender quais são as representações (significações) que os atletas de futebol de alto rendimento fazem da escola e do futebol e qual dessas duas possibilidades de futuro dão prioridade, também averiguando o que, ou quem os influencia na escolha de priorizar a escola ou o futebol.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para dar conta da investigação sobre a representação de escola e de futebol para jovens atletas de duas importantes categorias de base de futebol no Brasil – e pensando que são processos que ocorrem em tese, de maneira concomitante – esta seção trata da revisão de literatura realizada para dar conta da investigação deste fenômeno. Assim, foi feita a busca de artigos científicos e outros estudos que pudessem amparar e embasar esta pesquisa a partir dos descritores futebol, profissionalização e escola.

Desse modo, foi realizada uma busca em bases de dados específicas e em alguns periódicos da área de conhecimento da Educação Física, em nível nacional, para identificar o estado da questão da produção brasileira sobre este tema. Destacamos, inicialmente, aquelas fontes consultadas e que apresentaram um estudo cada: Estudos Avançados, Revista Perspectiva, Educação, sociedade e culturas; Revista Gestão e Produção, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Lume UFRGS, Revista Horizontes Antropológicos, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Revista Sociologias e Estado do Conhecimento. Os periódicos que colaboraram com dois estudos foram: Revista Motriz, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Movimento e Revista Brasileira de Futebol.

A partir disto, e concordando com Soares (2011), entendemos que a relação entre formação de atletas no futebol e o processo de escolarização é um tema que ainda aparece pouco desenvolvido no âmbito das ciências sociais e, também, no âmbito acadêmico de forma geral. Doravante, sublinhamos que essa temática nos parece atual e de extrema relevância, considerando a visibilidade que essa modalidade esportiva (o futebol) tem alcançado com o passar dos anos. Para muitos, o futebol é uma paixão nacional que cativa e conquista a muitos sem fazer distinção de classe social ou qualquer outro tipo de diferença que exista na sociedade. Compartilhamos do pensamento de Rocha *et al.* (2011) e Soares (2011), de que não é difícil entender o porquê muitos jovens que, em sua maioria, são advindos das camadas populares, sonham em fazer parte desse mundo que, aparentemente, é um “oásis de riqueza e sucesso”, como divulga parte da mídia esportiva brasileira. Segundo as palavras de (ARCHETTI *apud* SOARES, 2011, p. 3), “[...] o futebol propicia a mobilidade social” e é pensando nisso que inúmeros garotos buscam no futebol aquilo que muitas vezes não encontram em outros locais como, por exemplo, a escola.

Em estudo de Damo (2005), foi realizado um questionário em escolas públicas e privadas onde ficou explicitado que um em cada três meninos pertencentes à escola pública desejava ser jogador de futebol. Com uma demanda tão extensa, entendemos que vivenciamos o que Soares (2011) chama de surgimento de uma “indústria” de formação de jogadores de futebol. E essa glamorosa “indústria” acaba por rivalizar com a escolarização básica dos jovens aspirantes a atletas profissionais (SOARES, 2011), o que pode influenciar, também, nas representações e significados que esses atletas fazem e atribuem para ambas possibilidades de futuro. Dado que, como Rocha *et al.* (2011) preconiza a carga horária que esses atletas em formação dedicam ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola.

Então, tomando a perspectiva de Bourdieu (1979), o capital cultural possui uma forte articulação com o desempenho escolar de pessoas de diferentes classes sociais. Dessa forma, consideramos a importância que o contexto familiar, principalmente, possui como influência sobre as escolhas que esses jovens fazem entre investir a sua juventude (ou fase de formação como indivíduo) nos campos de futebol ou nos bancos escolares. Tendo em vista as representações que podem emergir sobre escola e futebol do meio familiar. Essas representações podem exercer uma influência positiva ou negativa na apropriação do capital cultural em seus três estados que são os seguintes: estado *incorporado*, que está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação; estado *objetivado*, que possui forte relação com o estado *incorporado* (sendo bens culturais como livros e outros materiais de produção cultural) e o estado *institucionalizado*, que são certificados de competência como diplomas e outros títulos institucionais.

Podemos pensar que o processo de escolarização desses jovens atletas pode ser prejudicado, pelo fato de que a maioria possui baixo capital cultural incorporado (ROCHA *et al.*, 2011) e aqueles garotos que não conseguem se estabelecer no futebol, mais tarde, encontram dificuldades para se inserir em outra esfera do mercado de trabalho e fazer a reconversão do capital cultural (SOARES, 2011), visto que nos anos em que deveriam estar estudando utilizaram para treinar e jogar (ALCÂNTARA, 2006). Esta questão nos parece importante para a compreensão do fenômeno de nosso estudo, ou seja, a reconversão do capital cultural que é a reconversão do capital futebolístico, adquirido pelos atletas durante os anos de treinamento no futebol, em capital cultural. Esse processo de reconversão os auxiliaria a se inserirem no mercado de trabalho formal, após um insucesso no futebol, sendo um fator importante no destino que esses jovens tomarão depois de não conseguirem um posto de trabalho no mercado futebolístico (SOARES, 2008).

Portanto, todos esses fatores – e talvez outros – possam nos mostrar que milhares de jovens aspirantes à atleta de futebol profissional caminham rumo a uma “rua sem saída”, pois, como observamos no estudo de Soares (2011), os postos de trabalho bem remunerados no mercado do futebol são escassos e, além disso, poucos chegam a se tornar profissionais, bem como alguns largam a escola e poucos chegam a fazer o Ensino Superior.

Stigger (1999) e Bracht (2000) entendem o futebol a partir da expressão hegemônica da cultura de movimento, ou o esporte de rendimento. E é dentro desse complexo meio em que esses meninos advindos de camadas populares se encontram e sofrem diferentes influências e forças que os induzem a escolher entre um ou outro caminho, a saber, a escola ou o futebol. Portanto, nesse âmbito acontecem as mais variadas histórias de jovens que conseguem atingir o sucesso na carreira de atleta de futebol - que são a minoria - e a maioria dos casos, aqueles que, juntamente com toda a família, acreditavam ter encontrado o caminho da redenção para a sua posteridade, mas que no final das contas, para muitos, não passou de um sonho. Neste estudo buscamos compreender as representações que os sujeitos fazem em relação ao futebol e a escola, bem como as influências que sofrem para priorizar a formação escolar ou a formação como futebolista profissional.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para dar conta da investigação sobre o tema de pesquisa – a formação na escola e a formação profissional de atleta de futebol – optamos pela pesquisa qualitativa. Entendemos pesquisa qualitativa como aquela centrada na descrição, análise, interpretação e discussão dos fenômenos sociais (NEGRI-NE, 2010).

Nossa pesquisa foi realizada da seguinte maneira: foram feitos os contatos com os clubes em que se realizariam as entrevistas, tendo a aceitação dos responsáveis pela coordenação das categorias de base em ambos os clubes. Logo após, foram marcadas as datas das entrevistas. As mesmas ocorreram em dias diferentes e foram feitas na sala de coordenação das categorias de base dos dois clubes (Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre e Esporte Clube Cruzeiro) de forma individual. Os sujeitos da pesquisa foram dois atletas da categoria infantil e dois da categoria juvenil do Esporte Clube Cruzeiro e três atletas da categoria juvenil e um da categoria infantil do Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre. Em relação à diferença do número de atletas da categoria juvenil entrevistados, as entrevistas, no Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre, foram realizadas fora do horário de treinamentos, e os atletas vieram diretamente do alojamento para a sala de coordenação para serem entrevistados. No momento de realização das entrevistas, havia apenas um atleta da categoria infantil disponível para entrevista, e, portanto, tivemos que optar por entrevistar apenas um atleta da categoria infantil e três da categoria juvenil, no Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre.

Para a escolha da faixa etária dos sujeitos utilizo as palavras de Rocha *et al.* (2011, p. 2),

[...] trabalhamos com a hipótese de que neste período da vida os jovens têm maior inclinação para definir uma carreira profissional, e o futebol aparece como uma opção para esses estudantes-atletas. Ressaltamos que, no futebol, é neste período da adolescência que se começa a determinar o rumo dos atletas na carreira de jogador.

Tendo em vista essas características, consideramos essa faixa etária a mais adequada para obter as informações que estávamos buscando com o nosso estudo. Os instrumentos de coleta foram: gravador digital, um caderno de anotações e observação. A entrevista foi do tipo semiestruturada com questões abertas. A análise das informações foi feita através da transcrição das entrevistas destacando os principais pontos de cada uma delas.

Nas falas explicitadas, no decorrer da apresentação e discussão dos resultados, identificaremos os sujeitos por ordem numérica, obedecendo à ordem que foram feitas as entrevistas. Sendo assim, os entrevistados de um a quatro serão os atletas do Esporte Clube Cruzeiro e os de cinco a oito do Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre. Agora, passaremos para a apresentação e discussão dos resultados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Heterogeneidade/multiculturalidade no âmbito do esporte de rendimento

O esporte, tomando a perspectiva histórica de Stigger (1999, p. 1),

É um fenômeno cultural que – tendo surgido num determinado contexto local – se difundiu por todo o mundo, constituindo-se aí uma dupla hegemonia o desporto passou a ser uma expressão hegemônica no âmbito da cultura do movimento; também o desporto-espetáculo se constituiu hegemônico no contexto particular do desporto.

Partindo dessa visão histórica, de que o esporte assume grandes proporções e relevância na sociedade industrial, podemos entender o interesse que alguns intelectuais, a partir dos anos 60, sobretudo, veem lançando sobre esse fenômeno cultural.

Neste momento, tomando como referência o esforço de síntese feito por Stigger (2001), para tentar apresentar a produção contemporânea sobre o esporte, podemos analisar as duas perspectivas que surgem sobre o mesmo. As duas perspectivas são respectivamente: O esporte como um fenômeno homogêneo e por outra visão como um fenômeno heterogêneo. Stigger (2001, p. 3) também utiliza o termo monocultura para o esporte tendo as características da perspectiva homogênea e o termo multicultura Stigger (2001, p. 3) para o esporte tendo características da perspectiva heterogênea. Portanto, utilizaremos ambos os termos homogêneo/monocultural e heterogêneo/multicultural, para o fenômeno esportivo, tendo como referência Stigger (2001, p. 3). Começando pela visão homogênea/monocultural (BOUET, 1968; BROHM, 1976; 1978; 1989a; 1989b; GUTTMANN, 1978; MANDELL, 1986; GUAY *apud* STIGGER, 2001), o esporte é entendido como reproduzidor da realidade social, ou seja, reproduz as características da sociedade capitalista de exclusão, seletividade e competitividade. Levando isso em conta, esses autores criticam o esporte dizendo que esse é excessivamente competitivo, ideologicamente reproduzidor dos valores dominantes e é um fator de alienação e exclusão social. Assim, tendo esse ponto de vista, esses autores acabam por desconsiderar o que Stigger (2001, p. 2) chama de “as discontinuidades na realidade das suas práticas concretas”, sendo que o oposto das discontinuidades são as regularidades que passam a dar sustentação a algo semelhante a leis sociais (STIGGER, 2001) para o esporte como se todas as práticas esportivas tivessem os mesmos objetivos, sentidos e motivações, independentemente dos seus protagonistas.

Em contrapartida, autores como Elias e Dunning (1992), Pociello (1981), Bourdieu (1990), Bento (s/d), Padiglioni *apud* Stigger (2001) preconizam que o esporte pode ser apropriado de diferentes formas por seus protagonistas, sendo que esses não assumiriam uma posição passiva frente àquele. Esses intelectuais questionam a homogeneidade/monocultura esportiva afirmando que seus praticantes podem atribuir diferentes significados ao esporte. E, em oposição à questão da passividade dos protagonistas, os autores entendem que os mesmos podem assumir uma posição ativa frente às normas sociais e ao próprio fenômeno esportivo e, com isso, podem criar e recriar as suas práticas culturais, na perspectiva do que (BOURDIEU *apud* STIGGER, 2001, p. 3) denomina de “efeito de apropriação”, possibilitando que o esporte possa ser visto como um fenômeno heterogêneo/multicultural, a partir das diferentes apropriações que são feitas dele por seus praticantes.

Portanto, após essa breve síntese baseada na síntese de Stigger (2001), podemos observar duas formas distintas de enxergar o fenômeno esportivo, segundo a perspectiva de diversos intelectuais. Sendo o esporte como um fenômeno homogêneo/monocultural ou heterogêneo/multicultural. Tendo em mente as características dessas duas correntes de pensamento e a indagação lançada por Stigger (1999, p. 12) “É possível pensar em multiculturalidade no âmbito do esporte?”, neste momento, buscaremos apresentar, baseados no material empírico, algumas representações heterogêneas/multiculturais feitas por atletas de categorias de base de futebol de alto rendimento, que podem identificar características de heterogeneidade/multiculturalidade no meio esportivo de rendimento.

Tomando como ponto de partida a seguinte questão, feita aos entrevistados: “Qual a importância do futebol em sua vida”? A resposta do *entrevistado três* (atleta da categoria juvenil) foi a seguinte: “O futebol é muito importante pra mim é o que eu gosto de fazer” e, de maneira complementar, afirmou que o futebol é como um escape para ele, dos problemas e dificuldades que possui na vida. Também afirma que se sente bem ao praticá-lo e os treinos são, relativamente, uma forma de ocupar o seu tempo, já que como ele mesmo disse “Eu não gosto de ficar assim parado sem fazer nada”. O *entrevistado*

cinco (atleta da categoria juvenil) respondeu a mesma questão da seguinte forma: “O futebol pra mim é uma opção de futuro”. Tendo o sentido da palavra multiculturalidade apresentado por Stigger (1999), ela é considerada como a possibilidade de uma diversidade cultural do esporte, relacionada às diversas apropriações que dele podem fazer seus praticantes. Dessa forma, podemos observar nas falas dos sujeitos entrevistados que apropriações diferentes foram feitas por ambos, sobre o futebol, sendo que um o considera como um escape, ou ocupação do tempo, também tendo características do termo que Elias e Dunning *apud* Stigger (1999, p. 15) denominam de “ethos amador” que é a prática do esporte por divertimento. Enquanto que, o outro atleta pensa no futebol atrelado a questão profissional, ou tendo características da seriedade do mundo do trabalho (STIGGER, 1999). Sendo assim, o primeiro pensa o futebol de uma maneira centrada no “gosto” (STIGGER, 1999, p. 13) e o segundo o pensa de uma forma mais reprodutora, ou seja, ligado às questões do mundo do trabalho e da lógica capitalista. Portanto, podemos observar maneiras alternativas de pensar o futebol, no âmbito do esporte de espetáculo ou de rendimento. Isso poderia ser considerado como um caráter heterogêneo/multicultural nas representações feitas pelos atletas, sobre futebol, nos levando a considerar a existência de heterogeneidade/multiculturalidade no esporte de rendimento.

Por fim, não temos como objetivo afirmar que a heterogeneidade/multiculturalidade está de fato presente no âmbito do esporte de rendimento, sobretudo no futebol. Mas sim, mostrar as reflexões feitas a partir dos dados coletados nas entrevistas feitas com atletas de futebol de alto rendimento e, com isso, pensar na possibilidade da existência de um caráter heterogêneo/multicultural no esporte de rendimento, a partir das diferentes apropriações feitas por seus praticantes. E, baseados nas falas apresentadas e na indagação feita por Stigger (1999, p. 12) – já citada anteriormente – lançamos um novo questionamento para debate: É possível pensar em heterogeneidade/multiculturalidade no âmbito do esporte de rendimento?

4.2 O conceito de capital cultural e a formação de atletas no futebol

De acordo com Cunha (2007, p. 11), “o conceito “capital cultural” ocupa hoje um lugar central no campo da Sociologia da Educação”. Essa fala mostra a importância do conceito de capital cultural para a educação e, esse estudo, tendo como pressuposto entender algumas representações de escola e de futebol, e a maneira pela qual os jovens que, na contemporaneidade, estão inseridos nesses dois âmbitos, pensam essas duas formações (como atleta e como estudante), consideramos de fundamental importância esse conceito para melhor entender essa relação (escola-futebol) utilizando as suas proposições para discutir a problemática no desempenho escolar dos jovens das categorias de base de futebol no Brasil.

O conceito de capital cultural afirma que há uma forte articulação desse capital com o desempenho escolar de indivíduos provenientes de diferentes classes sociais (BOURDIEU, 1979). Dessa forma, utilizaremos essa ideia proposta pelo conceito para analisar as informações que coletamos e que dizem respeito à escolaridade de atletas de futebol de alto rendimento. A maioria desses atletas advém de camadas populares (ROCHA *et al.*, 2011; SOARES, 2011) e possuem baixo capital cultural (ROCHA *et al.*, 2011). Todavia, também há a presença de indivíduos com alto capital cultural como foi encontrado no presente estudo. Consideramos alto capital cultural como sendo os atletas que possuem pais com um nível de educação formal elevado. Dos oito atletas entrevistados, três tinham pais que no mínimo haviam completado o ensino médio. Desses seis pais, um apenas possuía somente a educação básica, todos os demais tinham ensino superior, ou ao menos começaram o mesmo. Dois pais, de um mesmo atleta, possuem mestrado. Os pais (ou responsáveis) dos outros atletas, de baixo capital cultural, não concluíram o ensino fundamental.

Levando em consideração essas questões, e a afirmação de Clérc *apud* Cunha (2007 p. 10), onde diz que “o ambiente familiar pode influenciar de diversas maneiras as possibilidades de sucesso escolar”, levanto a seguinte questão: quem são os principais responsáveis por orientar os jovens atletas de futebol na conciliação da formação escolar e da formação como atletas? Como Clérc afirma e como encontramos nos relatos de alguns atletas, a família aparece como órgão central no sucesso escolar desses meninos e na conciliação das duas formações (escolar e futebolística).

Para argumentar sobre este assunto disponho de algumas falas: **entrevistado dois** (atleta da categoria infantil): “se eu não estiver bem tô fora”; entrevistado quatro (atleta da categoria juvenil): “eles me cobram muito, até de me ameaçar tirar do futebol, caso eu tire notas ruins”; **entrevistado sete** (atleta da categoria juvenil): “o principal é o futebol, mas eu me dedico também na escola”; **entrevistado oito** (atleta da categoria juvenil): “agora que eu tô tendo a oportunidade é pra mim aproveitar pra ser alguém na vida”. Na primeira e segunda fala, os garotos relatam que seus pais os ameaçam tirar do futebol caso não tenham um bom desempenho na escola. Isso é o que denominamos de um “mecanismo de conciliação”, que esses pais utilizam para manter o bom desempenho escolar de seus filhos. Desse fato extraímos uma reflexão que pode ser aprofundada em estudos posteriores. O “mecanismo de conciliação” só foi observado em algumas falas de atletas com alto capital cultural, nos de baixo capital cultural esse “mecanismo” não estava presente. A fala de número três é de um garoto que tem pais com baixo capital cultural e nesse momento ele relata que seus responsáveis consideram o futebol o mais importante, mas que não desmerecem a escola, o orientam para conciliar as duas coisas. Também salientou que nunca havia repetido de ano na escola. Isso nos revela que o capital cultural não possui uma relação de causa/efeito no desempenho escolar de indivíduos advindos de diferentes classes sociais. A última fala é de um menino que também possui pais com baixo capital cultural e esses (como está na sua fala) o orientam a não cometer o mesmo erro deles de largar a escola, dizendo que ele deve aproveitar a chance que está tendo e não desmerecer os estudos para “ser alguém na vida”. Nesses dois relatos podemos analisar que, apesar do baixo capital cultural, os familiares desses atletas veem a escola como algo relevante na vida dos seus filhos. Assim, apesar de uma educação formal precária, o contexto familiar pode influenciar de maneira positiva as escolhas desses jovens atletas, em relação aos estudos.

Agora, traremos alguns dados em relação ao ambiente familiar (se os pais possuem baixo ou alto capital cultural), sobre o desempenho escolar dos atletas e sobre o que esses meninos pensam para o futuro, tanto em relação ao futebol quanto a escola. Dos oito entrevistados, apenas três famílias apresentam alto capital cultural, ou seja, as outras cinco possuem baixo capital cultural. Desses cinco atletas com baixo capital cultural, apenas um não apresentou nenhuma repetência, os demais repetiram de ano ao menos uma vez. Os três atletas com alto capital cultural não apresentaram nenhuma repetência. Dos cinco atletas com baixo capital cultural, três afirmaram ter o interesse de cursar o ensino superior, sendo que dois pretendem cursar Educação Física e seguir trabalhando com o futebol. Do total de oito entrevistados, apenas dois jovens não apresentaram o que chamamos de “plano B”, ou seja, não pensam sobre que rumo tomarão caso não obtenham sucesso no futebol. Ambos possuem baixo capital cultural. O restante dos atletas apresentou o estudo como o “plano B”, considerando que todos os entrevistados colocaram o futebol como prioridade nesse momento de sua vida e alguns pretendem (ao menos planejam) cursar o ensino superior.

Portanto, consentimos com a proposição do conceito de capital cultural – acerca da forte articulação que esse tem com o desempenho escolar de indivíduos de diferentes classes sociais. Concordamos que as diferenças de desempenho escolar de atletas com baixo capital cultural em relação aos de alto capital cultural foram condizentes com a teoria e visíveis nas informações coletadas. Tudo isso mostra a relevância deste conceito para o entendimento da educação, como já fora dito anteriormente, e nos leva a entender um pouco mais a respeito do fraco desempenho escolar que alguns atletas de futebol

de alto rendimento apresentam. Esperamos ter colaborado para o avanço das discussões referentes à escolarização de jovens atletas de futebol.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, retomando o nosso problema de pesquisa, como os jovens do sexo masculino das categorias infantil e juvenil do Esporte Clube Cruzeiro e do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense pensam a formação como atletas e a formação escolar? Pudemos observar que a maioria dos atletas entrevistados pensa essa relação – escola/futebol - de forma desigual, ou seja, uma se sobrepõe sobre a outra. Neste caso, a formação como atleta claramente toma a frente da formação escolar sendo a escola um plano B, caso ocorra o insucesso na investida no futebol, ou como um acessório a carreira de jogador de futebol, para dar entrevistas, ler contratos e outras atividades complementares a carreira de jogador de futebol profissional. No entanto, nenhum dos participantes deste estudo desmereceu a escola, todos a consideram importante e valorizam os estudos, dando uma representatividade positiva a escola, contudo neste momento da vida preferem investir no futebol e não na escola, mostrando a representatividade superior do futebol em relação à escola, para esses jovens.

Então, a partir dos dados que coletamos, vimos que – para os participantes deste estudo – a escola ainda carece de maior poder simbólico (SOARES, 2008), pois apesar de ser valorizada está longe de ser prioridade na vida desses jovens atletas. A reflexão que ficamos é: como a escola poderia fazer frente à indústria de formação de futebolistas no Brasil? Tendo em vista que a família (que é a maior influência que encontramos neste estudo) subsidia todos os sacrifícios que esses jovens fazem para entrar nesse mercado. Quem poderá fazer frente ao sonho do futebol?

6 REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, H. A magia do futebol: negócios, transações e personagens. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006.
- BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na olimpíada de Sydney. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 55-72, set., 2006.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, a. 6, n. 12, 2000.
- BRANDÃO, M. R. F.; MORGADO, F.; MACHADO, A. A.; ALMEIDA, P. O futebol e seu significado. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 3, p.233-240, jul./set., 2008.
- CUNHA, M. A. A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, jul./dez., 2007.
- DAMO, A. S. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, 2008.
- GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol.

Revista Brasileira de Futebol, v. 1, n. 2, p. 30-37, jul./dez., 2008.

LEONCINI, M. P.; SILVA, M. T. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Revista Gestão e Produção**, São Carlos, v.12, n. 1, jan./abr., 2005.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n.2, p.103-19, abr./jun., 2009.

ROCHA, H. P. A.; BARTHOLO, T. L.; MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun., 2011.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PAOLI, P. B.; SILVA, C. D.; SOARES, A. J. G. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 1, n. 2, p. 30-37, jul./dez., 2008.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 6, n. 11, p. 260-299, jan./jun., 2004.

SOARES, A. J. G.; SOUZA, C. A. M.; VAZ, A. F.; BARTHOLO, T. L. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez., 2008.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S.; COSTA, F. R.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

STIGGER, M. P. Desporto, multiculturalidade e educação: do desporto na escola para o desporto da escola. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 12, p. 63-84, 1999.

STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, 2001.

ZH ESPORTES. Peneirinha é reconhecida como a maior seleção de atletas do mundo. Zero Hora, Porto Alegre, novembro 2012. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2012/11/peneirinha-e-reconhecida-como-a-maior-selecao-de-atletas-do-mundo-3942033.html>. Acesso em: 6 de novembro de 2012.

Autor correspondente: **Fabiano Bossle**

E-mail: fabiano.bossle@ufrgs.br

